

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CERRO LARGO

**BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO COM LINHA DE FORMAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO RURAL E GESTÃO AGROINDUSTRIAL**

**O PROCESSO SÓCIO-HISTÓRICO DE IMPLANTAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL,
CAMPUS CERRO LARGO.**

RAFAEL RODRIGO WOLFART TREIB

Dr. EDEMAR ROTTA

Relatório Final

Cerro Largo

2012

RAFAEL RODRIGO WOLFART TREIB

Dr. EDEMAR ROTTA

**O PROCESSO SÓCIO-HISTÓRICO DE IMPLANTAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS
CERRO LARGO.**

Relatório final apresentando os resultados do projeto com o mesmo título aprovado no edital Conjunto N°001/FAPERGS/UFGS/2011 para a avaliação pelo comitê assessor de pesquisa da UFGS.

Orientador: Dr. Edegar Rotta

Grupo de pesquisa: Teorias e Processos de Desenvolvimento

Linha de pesquisa: Dinâmicas socioambientais e experiências de desenvolvimento

Cerro Largo

2012

RESUMO

O processo de redemocratização ocorrido no Brasil a partir do final da década de 1970 evidenciou o protagonismo e a importância da sociedade civil organizada na conquista e consolidação de direitos. O direito ao acesso ao ensino superior público e gratuito era, até o final do século XX, no Brasil, restrito aos grupos sociais de maior renda e concentrado em grandes centros, especialmente as capitais dos estados ou cidades de grande porte. Com a efetivação da democracia e a ascensão ao poder de partidos identificados com os interesses dos trabalhadores e dos pequenos e médios empresários, tem-se o início de um processo de expansão do Ensino Superior, na tentativa de ampliar o acesso, vislumbrando a possibilidade de garanti-lo para a grande maioria da população, historicamente excluída. É neste processo que é criada a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), com o objetivo de atender a população da Grande Fronteira do MERCOSUL e seu entorno. A criação desta Universidade resultou de uma intensa mobilização da sociedade civil organizada das regiões Norte e Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná. Na região Noroeste do Rio Grande do Sul (RS), o movimento envolveu parcelas significativas da população e deixou marcas que servem de referência para os primeiros passos da constituição do Campus Cerro Largo da UFFS. A pesquisa levada a termo buscou investigar como se deu a mobilização da sociedade regional; quais os principais passos dados; quem foram as principais lideranças; quais as instituições e movimentos que se envolveram no processo; quais as principais dificuldades enfrentadas ao longo da trajetória; como foram as articulações regionais, estaduais, inter-estaduais e nacionais para somar forças em prol da proposta; como se efetivou a conquista e como o movimento social continua atuando no processo de consolidação da UFFS, em especial no Campus Cerro Largo. Para responder a estas questões se propôs como ferramentas metodológicas a coleta de documentos e a entrevista semi-estruturada. Entende-se como essencial recuperar documentos (atas de reuniões, fotografias,

artigos de jornal publicados, entre outros) e ouvir personagens importantes na trajetória do movimento ocorrido no Noroeste do RS pela implantação da UFFS. Após a coleta, identificação e organização, o material será disponibilizado (de forma virtual, impressa e digital) à comunidade e às instituições envolvidas para que a população conheça a história destas organizações que fazem parte da história da região. Acredita-se que a recuperação deste processo sócio-histórico de mobilização da sociedade pela implantação de uma Universidade pública e gratuita possa contribuir para a compreensão da missão da mesma em sua região de abrangência e também evidenciar que, em sociedades democráticas, as conquistas de direitos estão associadas a processos de articulação e mobilização das forças sociais organizadas.

Palavras-chave: Universidade Federal da Fronteira Sul, movimentos sociais, história regional, participação cidadã.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	06
2.	OBJETIVOS.....	10
3.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
	3.1 MICRO-HISTÓRIA E HISTÓRIA ORAL.....	11
	3.2 MEMORIA.....	16
	3.3 ETNOGRAFIA.....	17
	3.4 ENSINO SUPERIOR NO NOROESTE DO RS.....	18
4.	METODOLOGIA.....	24
5.	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	28
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
7.	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32
	ANEXOS.....	36

1. INTRODUÇÃO

O modelo de estudo que ora se propõe está assentado nas contribuições da sociologia e da história, enquanto ciências específicas e que encontram vários elementos de congruência. Entende-se que é quase impossível fazer sociologia sem as contribuições da história e vice-versa. Porém também se tem claro que são ciências específicas com métodos e trajetórias próprias. Precisa-se encontrar os pontos de congruência que, neste caso podem ser buscados nos aportes da sociologia histórica e das perspectivas de produção da ciência histórica que buscam superar o viés positivista, tais como o marxismo, a escola dos Annales e a história regional.

A aproximação entre a história e a sociologia permite compreender a dinâmica social em suas múltiplas relações e determinações, ligando os eventos locais com os macroestruturais. Possibilita entender as diferentes formações sociais, movimentos e instituições em seus amplos processos de constituição, similitudes e diferenças.

A sociologia histórica é uma corrente de pensamento que se desenvolveu nos Estados Unidos, a partir da década de 1960, como reação ao domínio do funcionalismo, especialmente o parsoniano. Charles Tilly, Barrington Moore e Theda Skocpol reagem aos estudos a-históricos de Parsons, ao domínio dos estudos empíricos nas ciências sociais e às formulações abstratas do marxismo teórico e da filosofia analítica. Nessas reações eles ressaltam a conexão entre a sociologia e a história a exemplo de historiadores (Eric Hobsbawm) que cada vez mais se valiam da sociologia para entender a história. Percebem ainda que a teoria da modernização não era suficiente para explicar o que estava ocorrendo no Terceiro Mundo. Na busca de compreender questões relacionadas à origem de fenômenos sociais específicos, micro-desigualdades, processos revolucionários, diferenciação de sociedades, etc., valem-se da análise comparativa (uma tradição de estudos muito presente nas ciências sociais: caso de John Stuart Mill, *System of Logic*, de 1843; Emile Durkheim, *O suicídio*, de 1897; Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, 1905). As análises históricas ganharam importância a partir da década de 1980 para explicar processos concretos de mudança social e entender a articulação entre processos globais e locais (MONSMA, 1996).

Sobre o registro da história, sabe-se que durante muito tempo, foram dominados pela perspectiva positivista, centrada nos fatos, personagens, objetos, documentos escritos ou até mesmo vestígios que pudessem comprovar as informações a cerca do passado. Tinha-se uma

preocupação em buscar informações em documentos que garantissem a veracidade dos acontecimentos, nutrindo uma quase desconsideração pela tradição oral.

A partir do século XX, com o advento da Nova História, grupos de historiadores, entre eles os marxistas e da Escola dos Annales, começaram a questionar estes procedimentos, pois este jeito de fazer história excluía as minorias; não abordava os temas relativos ao cotidiano, às mentalidades e às experiências dos diferentes grupos; não percebia a interação dos aspectos históricos com os econômicos, políticos, sociais e culturais. Para Bloch (1997, p. 30), a história não é a ciência do passado, seu objeto são os homens, a história deve ser feita através de uma multiplicidade de documentos e de técnicas, tendo em vista a complexidade dos fatos humanos.

Os pioneiros da “Nova História” tiveram grande importância na construção de uma nova noção sobre os documentos. Nesse sentido, Jacques Le Goff (1996, p.540), afirma que: “A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem”.

Nesta perspectiva também se começou a utilizar metodologias alternativas, deixando-se de trabalhar estritamente com documentos escritos, como é o caso das pesquisas baseadas na história oral. Para Paul Thompson (1998.p.22), a história oral pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

Para Preti (1999, p. 22), problemas de variação de linguagem provocados por variação de situações interacionais já tinham demonstrado que falantes cultos podem utilizar uma variedade de registros que vai do formal ao coloquial, em função de suas necessidades de comunicação, é a possibilidade dessa variação de registros que nos permite identificar o falante culto real e não seu conhecimento maior ou menor das regras da gramática tradicional, conhecimento de que se utilizaria muito mais na língua escrita, desta forma a intencionalidade na arguição das entrevistas tem um papel notável acerca do propósito inicial.

Por isso a pesquisa justifica-se pela necessidade de disponibilizar ao público em geral e de forma mais ou menos sistematizada e organizada, um conjunto expressivo de materiais referentes a trajetória sócio-histórica que deu origem à Universidade Federal da Fronteira Sul, com destaque especial para o Campus Cerro Largo e a região noroeste do

estado do Rio Grande do Sul. Muitos professores e servidores da UFFS não acompanharam e não conhecem o processo, enfrentando dificuldades de compreensão da estreita vinculação produzida entre os movimentos sociais e o fazer universitário. Por muitas vezes alegam que a Universidade não tem nada a ver com movimentos sociais e organização da sociedade, pois é uma instituição autônoma, criada pelo Governo Federal no processo de expansão das Universidades Públicas.

Por outro lado, o movimento pró-implantação da UFFS tende a produzir um discurso que a Universidade existe pela mobilização da sociedade e que as grandes pautas da mesma devem ser orientadas pelas demandas advindas dos movimentos e instituições que lutaram pela implantação da UFFS. Os elementos elucidadores desta realidade podem ser evidenciados na fase inicial de implantação do Campus Cerro Largo, na qual todas as atividades internas e externas recebem certa “vigilância” do movimento pró-implantação da Universidade.

A disponibilização de material digital e impresso a respeito do processo de conquista da UFFS pode contribuir para que o diálogo entre os diversos atores envolvidos, na fase atual de consolidação da Universidade, se faça com mais qualidade e adquira os contornos de uma dialética capaz de permitir a manifestação dos contrários, mas também gerar os acordos necessários para a efetivação do projeto da UFFS.

A História Oral engrandece, e muito, os trabalhos realizados onde não se possui a fonte escrita, sendo, às vezes, mais importante que a fonte escrita. Porém, pode-se tornar adversa, já que relata o pensamento da pessoa, muitas vezes condicionada em seu depoimento. A utilização de metodologia adequada pode entender os condicionantes pessoais e viabilizar o acesso a informações e processos que são de domínio de poucas pessoas que os vivenciaram ou participaram ativamente de todas as etapas em questão. Em alguns casos pode-se estar diante de relatos que podem ser únicos e precisam ser recobrados.

A micro história é uma perspectiva de estudos históricos que se afirmou nas últimas décadas. Ela permite analisar realidades locais-regionais muito específicas, trajetórias institucionais, como no caso do estudo proposto aqui, e até mesmo histórias de vida. Peter Burke (1992), refere muito bem as virtudes e os limites da micro-história, ao afirmar que tudo tem um passado, que pode, em princípio, ser reconstruído e relacionado ao restante do passado. Ciro Flamarion Cardoso (1997), reitera que a recuperação de processos históricos

passados adquire maior sentido ainda na medida em que se dá visibilidade aos mesmos. O projeto proposto caminha nesta direção, visando uma aproximação entre a história e a sociologia no estudo de uma instituição específica e de uma realidade local-regional.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Reconstituir a trajetória sócio-histórica que deu origem à Universidade Federal da Fronteira Sul, dando destaque especial para o Campus Cerro Largo e a região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, através do resgate e preservação da documentação e da memória histórica dos atores.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Coletar documentos, fotografias e reportagens de sites e jornais locais e regionais a fim de constituir uma base de dados e obter informações referentes a história da UFFS;

Realizar entrevistas orais e filmadas com os integrantes do Movimento Pró-Implantação da UFFS na região de abrangência do Campus Cerro Largo;

Estudar referencial teórico sobre a temática da sociologia histórica, história oral, micro-história, dados do ensino superior no Brasil e no Rio Grande do Sul;

Organizar e compilar o material produzido visando a elaboração e divulgação do produto final através de meio digital e impresso.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Apresentam-se aqui as referências básicas utilizadas para a pesquisa a partir do material disponibilizado pelo orientador e do que foi possível buscar em livros condizentes ao assunto exposto, a história, a documentação oral e escrita e outros materiais pertencentes ao acervo da Universidade.

Desta forma será descrito como a história oral aliada a micro história possibilita a inserção de documentos não-oficiais na realidade de uma organização e seus papel nesta documentação. Continuando esta viagem pela história será abordado a questão da memória e seu papel na história assim como a etnografia que auxilia no estudo das oralidades, ainda em anexo estará a cópia dos dvds produzidos com a história da UFFS e as entrevista dos atores principais ao movimento, bem como a carta de cessão que os entrevistados assinaram autorizando o uso de imagem das gravações.

3.1 MICRO HISTÓRIA E HISTÓRIA ORAL

A micro história e a história oral desempenham papéis fundamentais para o reconhecimento das histórias desconhecidas sobre a colonização dos municípios interioranos do Brasil, assim como das instituições e organizações que o compõem, relativo a isso o que detêm relevância são as entrevistas e reconhecimento deste material descoberto através de conversas informais ou mesmo relatos contidos em obras relacionadas com o município e que auxiliaram a contextualizar melhor este trabalho.

Para Beckett (1999, p.107), as diferentes visões e manifestações da vida e do mundo, a história dos oprimidos, do outro, tornam-se cada vez mais presentes como objeto de estudo do historiador, atraindo para a história o leitor comum.

3.1.1 Micro História

A micro-história é sempre muito válida para reconstituir aspectos gerais de uma nação e, não desmerecidamente, a história da Universidade Federal da Fronteira Sul. Com relação à micro-história, concorda-se com a idéia de Peter Burke, ao afirmar que *“tudo tem*

*um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado*¹. Assim, a oportunidade de contato com as pessoas que conheceram ou participaram da formação da comunidade é muito rica e possibilita o resgate da história local e complementam dados irredutíveis a compreensão da história.

Para analisar os fatos Cardoso diz que:

O gênero micro histórico parece ter realmente triunfado em toda parte, favorecido aliás pela aceitação do público não especializado que, no mundo inteiro, parece sempre ávido de intrigas, tragédias e aventuras. Título de uma coleção italiana de livros de história, a micro-história parece ter sido preconizada, como gênero e como linha editorial, pela coleção francesa Archives, datada dos anos 70, série voltada para a publicação de fontes sobre casos (sobretudo judiciários) célebres ou extravagantes, incluindo ensaios críticos de historiadores ou especialistas (CARDOSO, 1997, p.200).

Conforme Cardoso, busca-se analisar os pontos que definem a história como algo maior, para isso precisa-se descrever por partes e desta forma a micro-história contempla estes detalhes assim como a história local e regional. Pois a UFFS campus Cerro Largo é intrinsecamente a micro-história da própria UFFS e por assim dizer do ensino superior federal. Obviamente que detalhar a história tem um trabalho mais árduo e restrito, pois é mais fácil efetuar relatos abrangentes. Portanto descreve assim fatos que passam despercebidos na generalização histórica.

A micro história se afirmou sobretudo nos anos 80, podendo ser considerada, a rigor, como uma das manifestações da história das mentalidades, inclusive no tocante à disparidade de temas e recorte no seu interior. Microstorie é, antes de tudo, o nome de uma coleção italiana publicada pela Einaudi (Turim), voltada para pesquisas biográficas, estudos de comunidades, reconstituição de episódios excepcionais na vida cotidiana de certas populações etc. Considerada como gênero, a micro história sinalizaria, nas palavras de Chartier, a mais viva tradução desta démarche historiográfica apoiada em modelos etnometodológicos. O objeto da micro história, diz Chartier, não reside “nas estruturas e mecanismos que regem, fora de todo subjetivismo, as relações sociais, mas sim nas racionalidades e estratégia que põem em funcionamento as comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos” (CARDOSO, 1997, p.202).

¹ BURKE, 1992, p.60.

A micro-história por ser constituída de pedaços adjacentes a história, possibilita refazer um olhar minucioso a respeito da história dos municípios, montando a mesma como um quebra-cabeça, facilitando assim a descrição de fatos ocorridos para além da história factual, mas com um valor fundamental na construção da trajetória de indivíduos, grupos, instituições e sociedades (LEVI, 1992).

3.1.2 História Oral

Sobre o registro da história, sabe-se que durante muito tempo, os historiadores privilegiavam os documentos escritos, os objetos ou mesmo vestígios que pudessem comprovar as informações a cerca desse passado. Tinha-se uma preocupação em buscar informações em documentos que garantissem a veracidade dos acontecimentos já que a história oral retrata o pensamento da pessoa entrevistada em questão. A partir do século XX, com o advento da Nova História², grupos de historiadores começaram a questionar estes procedimentos, pois este jeito de fazer história excluía as minorias e não abordava os temas relativos ao cotidiano, às mentalidades e às experiências dos diferentes grupos. Os pioneiros da Nova História também tiveram grande importância na construção de uma nova noção sobre os documentos. Nesse sentido, Le Goff afirma que: *“A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem* (LE GOFF, 1996, p. 540).

No entendimento de Alberti (2000 p. 1),

a história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com atores e testemunhas do passado. Inicialmente sua aplicação se dava principalmente nos campos da sociologia e da antropologia e na constituição de bancos de entrevistas. Até os anos 70, a história oral não tinha muitos adeptos na própria história porque havia um certo fetichismo do documento escrito, o fato de ser escrito garantia, segundo se pensava, a objetividade do documento, enquanto uma entrevista gravada estaria carregada de subjetividade. Hoje já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico – isto é, de que se deve tomá-la como dado objetivo para entender por que determinados acontecimentos ou conjunturas são interpretados de um modo e não de outro.

² Sobre o Movimento da História Nova, importantes explicações encontram-se em BURKE, 1992, p.10 a 25.

A partir da virada das décadas de 1970-1980, apresentou-se um novo quadro na pesquisa histórica: temas contemporâneos foram incorporados à história (não mais reservada apenas ao estudo de períodos mais remotos); valorizou-se a análise qualitativa; experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado (às vezes mais significativas do que as grandes estruturas como os modos de produção); houve um impulso da história cultural e um renascimento da história política (esta última não mais a história dos “grandes feitos” dos “grandes homens”, mas o locus privilegiado de articulação do social, a ação dos atores e de suas estratégias) e revalorizou-se o papel do sujeito na história – portanto, da biografia.

Um aspecto interessante a destacar é referente ao tipo de entrevista abordada e realizada nesta pesquisa. Foram abordadas participações restritas a um cenário específico ligado ao movimento social ou à instituição propriamente dita. Por razões acadêmicas o tipo de entrevista que norteou o trabalho foi o sistemático, pois segundo Alberti (1990), são aquelas que versam especificamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido como objeto principal, ou seja mais específica e direta que as histórias de vida

Nesta perspectiva também se começou a utilizar metodologias alternativas, deixando-se de trabalhar estritamente com documentos escritos, como é o caso das pesquisas baseadas na história oral. Nesse mesmo sentido, segundo a visão de Thompson, *a história oral pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode evolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavra* (THOMPSON, 1998, p. 22).

Neste caso, a história oral é um dos métodos privilegiados que permite buscar, através da memória, informações necessárias para a reconstrução e o registro da história desta comunidade. Considerando que, através da História oral, que tem como fonte a memória individual ou coletiva, é possível relembrar aspectos do passado, por isso pretendemos desenvolver este trabalho com o desejo de conhecer o processo de ocupação e formação da comunidade Serro Azul, com a finalidade de levantar informações que possibilitem o registro de sua história.

A base científica da História Oral está na excentricidade do indivíduo, pois se para a história deve-se impor a autenticidade dos fatos para Alberti (2003), esta autenticidade está na simplicidade da fala sem sintetizar o pensamento para declarar o que se pensa realmente dos fatos, sendo assim um paradigma que enaltece a riqueza obscura da realidade.

De fato a presença de um historiador é de suprema valia e importância na autenticidade dos fatos, até porque não se pode valorar qualquer relato a oralidade científica, mas deve-se identificar o comportamento desta ciência na qual possui um objetivo claro e definido, mas sem expor diretamente sua problemática, porém a complexidade que se exige do entrevistador para ser imparcial se verifica apenas com o advento das grandes guerras, no qual os relatos são fundamentais para averiguar a veracidade dos atos ocorridos.

Nesse sentido Ferreira (2000, p.59), nos diz que:

A despeito da expansão e da legitimação dos estudos do tempo presente, ainda permanecem muitas resistências à sua incorporação como objeto da história. Foi na Alemanha, e especialmente na França, que esse novo campo da história se desenvolveu mais amplamente, privilegiando os estudos do pós-guerra. O estudo do século XX ganhou maior legitimidade na França a partir da Segunda Guerra, quando foi criado o Comitê de História da Segunda Guerra Mundial, destinado a promover iniciativas na área de documentação e pesquisa sobre o tema. Nos anos seguintes esse interesse ampliou-se, levando os poderes públicos a tomar a decisão de criar no CNRS um laboratório que teria por objetivo estudar o tempo presente.

Evidenciando assim que a oralidade é controversa e específica a alguns fins delineados com antecedência, mas que decifram lacunas em que a ciência não alcança. Desta forma existe ainda um contraponto que rebate nas questões da ética ao tornar-se imparcial e deixar a entrevista sob um mesmo ponto de vista para não perder o objetivo inicialmente proposto, obviamente isto nem sempre é possível, mas é exatamente isto que rege o valor a oralidade e que a coloca no centro da pesquisa acadêmica.

Um dos detalhes imprescindíveis a boa pesquisa oral está ligada a definição prévia de que equipamento será utilizado seja ele gravador de voz, de vídeo ou escrito, no caso aqui descrito foi utilizado a gravação em vídeo com uma câmera modelo SONY DSC- HX 100v que efetua fotos e filmagens em full HD, o que garante uma excelente qualidade de vídeo e áudio as entrevistas mas que causa um grande espaço para armazenamento, as gravações foram realizadas com o auxílio de um tripé que possibilitou maior conforto visual nas entrevistas. Após definido o equipamento e a forma de utilização do mesmo foram estruturadas as perguntas que estão descritas na metodologia. A pessoa entrevistada teve o questionário para conhecimento das perguntas, o que facilitou o andamento do trabalho, pois pode dar uma visão acerca dos questionamentos previstos.

Desta forma Prins (1992), acerca de seus relatos da história oral fundamenta a importância que se deve e a seriedade que implica na sua idealização: onde não há nada ou

quase nada escrito, as tradições orais devem suportar o peso da reconstrução histórica. Elas não farão isso como se fossem fontes escritas.

A História Oral engrandece, e muito, os trabalhos realizados onde não se possuem a fonte escrita, sendo, às vezes, mais importante que a fonte escrita. Porém, pode-se tornar adversa, já que relata o pensamento da pessoa sendo, às vezes, condicionada em seu depoimento. Esta, porém, possui toda uma metodologia específica e se deve estudar previamente a pessoa entrevistada, para poder tirar o melhor proveito desta experiência que em alguns casos é o único relato possível sobre determinado assunto. Esta se refaz através do testemunho ocular dos componentes e integrantes da história da colônia, tão próprio disto é a mesma contada de dentro com este olhar que somente pode ser percebido quando se olha o assunto do lado interno, e isto somente pode ser obtido através da história oral. Para Borges (1993, p.50), a história tem o papel de ver as transformações pelas quais passaram as sociedades humanas, a transformação é sua essência.

Breschiani (2002, p.32), compara a história a uma ação, que se nos dispusermos a voltar a atenção para os traços de memórias gestuais, de comportamentos diversos, ou seja, de uma memória em ação, [...] os saberes competentes derrubam as muralhas, e com elas as portas de entrada das cidades, pela sua inutilidade para a defesa e o controle.

Assim a história da UFFS, necessita destes relatos obtidos através da história oral pois, grande parte de sua estrutura foi forjada nos bastidores e com pessoas muitas vezes informais ao processo de implementação da instituição mas que tiveram grande impacto na formação das comissões e de bases que nutriram o movimento pró-Universidade antes mesmo deste existir, destacando isto este projeto também tem a missão de fazer justiça e nomear alguns destes nomes imprescindíveis a criação e instalação da UFFS em Cerro Largo.

3.2 ETNOGRAFIA

A etnografia refere-se a base de estudos no qual o acadêmico ou pesquisador vai a campo obter suas informações de estudo, neste estudo pode-se verificar diversas premissas que validarão ou não seu trabalho. Desta forma o estudo de campo deve ser delineado juntamente com a justificativa e a problemática do projeto evitando assim possíveis enganos e devaneios impedindo a comprovação das hipóteses.

Conforme Certau (1982, p.210), descreve a etnologia ou ciência que deriva a etnografia através de quatro noções que

parecem organizar o campo científico cujo estatuto se fixa durante o século XVII e que recebe de Ampère o seu nome de etnologia: a oralidade (comunicação própria da sociedade selvagem ou primitiva, ou tradicional), a espacialidade (ou quadro sincrônico de um sistema sem história), a alteridade (a diferença que apresenta um corte cultural), a inconsciência (estatuto de fenômenos coletivos referidos a uma significação que lhes é estranha e que não é dada senão a um saber vindo de algures). Cada uma delas garante e chama as outras. Assim, na sociedade selvagem, exposta à vista do observador como um país imemorial ("as coisas têm eido sempre assim" diz o indígena), supõe-se uma palavra que circule sem saber a quais regras silenciosas obedece. Corresponde à etnologia articular estas leis numa escrita e organizar este espaço do outro num quadro de oralidade.

Assim sendo a etnografia auxilia a desvendar anseios que descrevem a entrevista, e melhoram as possibilidades na hora da transcrição ou análise dos dados coletados, o que auxilia com grandeza o desempenho e diminui distorções. Para afirmar esta relação entre a fala e a escrita destaca-se as palavras de Certau (1982), para que a escrita funcione de longe é necessário que ela, à distância, mantenha intacta a sua relação com o lugar de produção.

Com estes dados pode-se contemplar a análise etnográfica realizada por Franz Boas e Malinowski, considerados os pais da etnologia, e que renderam muitos estudos acerca da pesquisa de campo nos auxiliando em muito nas técnicas de pesquisa. Laplantine (2003, p. 59), ao retratar-se sobre Boas definiu que:

Boas era antes de tudo um homem de campo. Suas pesquisas, totalmente pioneiras, iniciadas, notamo-lo, a partir dos últimos anos do século XIX eram conduzidas de um ponto de vista que hoje qualificáramos de microssociológico. No campo, ensina Boas, tudo deve ser anotado: desde os materiais constitutivos das casas até as notas das melodias cantadas pelos esquimós, e isso detalhada-mente, e no detalhe do detalhe. Tudo deve ser objeto da descrição mais meticulosa, da retranscrição mais fiel (por exemplo, as diferentes versões de um mito, ou diversos ingredientes entrando na composição de um alimento). Por outro lado, enquanto raramente antes dele as sociedades tinham sido realmente consideradas em si e para si mesmas, cada uma dentre elas adquire o estatuto de uma totalidade autônoma.

3.3 MEMÓRIA

Assim como a história se confunde ao tempo, a preservação da memória também se confunde a história. Dessa forma Le Goff (1996, p. 453), contempla a memória, como

propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Um dos problemas cruciais está na preservação da oralidade através da memória, e para isso a coletividade se exala através da memória, assim sendo

Nas sociedades sem escrita a memória coletiva parece ordenar-se em torno de três grandes interesses: a idade coletiva do grupo que se funda em certos mitos, mais precisamente nos mitos de origem, o prestígio das famílias dominantes que se exprime pelas genealogias, e o saber técnico que se transmite por fórmulas práticas fortemente ligadas à magia religiosa.

Todavia, a memória tinha um papel considerável no mundo social, no mundo cultural e no mundo escolástico e, bem entendido, nas formas elementares da historiografia e conforme Le Goff (1996), a sua preservação é sumariamente essencial na história do homem.

Quando nos vemos a contemplação dos dados referentes a memória de um local ou de alguém poucos remetem-se a preservação a menos que seja um fato memorável ou então que descreva um fato marcante na história de muitos. Porém deve-se criar a cultura de que proteger deve ser estendido a todos os itens que nos cercam não analisando a importância do mesmo, pois algo que não é dado interesse pode ao longo do tempo tornar-se imponente.

3.4 ENSINO SUPERIOR NO NOROESTE DO RS

A região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul se caracteriza pela predominância étnica européia de base alemã, italiana, russa e polonesa. Desta forma a educação sempre foi um dos principais objetivos no estabelecimento das colônias, pois assim como se primava pela religião a educação exercia grande laço de união e preservação cultural.

Fato disto é que Treib (2007), diz que a cada colônia nova as primeiras edificações eram a igreja e junto a ela a escola, fato comprovado também em Roche (1969), bem como cada capela durante a semana funcionava de escola e aos domingos de igreja, normalmente sendo o padre o professor da comunidade.

As atividades agropecuárias e de economia familiar que ocupavam a maioria absoluta da população economicamente ativa da região permaneciam à margem das medidas adotadas pelo governo federal e estadual em relação aos trabalhadores urbanos. A medida de política social que mais atingiu essa população foi a nacionalização do ensino. Através dela o governo federal buscava estender a educação elementar para toda a população brasileira, porém a partir de um ideário nacionalista onde se destacava o ensino em língua nacional, o sentimento patriótico, o civismo, a moralidade e a aquisição de habilidades mínimas em escrita, leitura e cálculo matemático para compreendermos melhor esta parte histórica e significativa da educação no noroeste gaúcho nos basearemos nos estudos de Rotta (2007).

Na proposta do Governo Federal atribuía-se aos Estados a função de expandir as escolas públicas, especialmente primárias e profissionalizantes, e criar uma estrutura capaz de organizar a política de educação, estabelecer normatizações e fiscalizar as atividades ligadas à educação. Para dar conta dessas atribuições o governo estadual criou a Secretaria de Educação.

No âmbito da Secretaria criou órgãos de administração especial, encarregados das atribuições específicas que o contexto exigia, tais como o Departamento de Educação Primária e Normal, a Superintendência do Ensino Profissional, a Superintendência do Ensino Secundário, o Departamento de Educação Física e a Diretoria de Estatística Educacional (FEE, 1983).

Para implantar sua política nas diversas regiões do Estado, o governo criou as Delegacias Regionais de Ensino, dividindo o Estado em circunscrições escolares abrangendo, cada uma delas, um número reduzido de municípios a fim de facilitar as funções técnicas e administrativas. Essas delegacias eram coordenadas por um delegado nomeado pelo governador e acompanhadas por orientadores de educação elementar. Instituiu ainda a carreira do magistério primário público, com o objetivo de disciplinar as formas de acesso ao magistério público, organizar a carreira e prover as escolas de pessoal minimamente qualificado. Também criou o Plano de Estudos das Escolas Normais Rurais com o objetivo de disciplinar a formação de professores para as escolas da área rural a partir do meio social em que viviam (FEE, 1983).

A proposta de nacionalização do ensino gerou, na região noroeste do RS, um intenso conflito com as escolas comunitárias confessionais que haviam sido criadas pelos colonizadores. Nessas escolas a direção pedagógica e os professores eram definidos pela própria comunidade; os custos eram bancados pelas famílias; as aulas eram ministradas na língua falada na comunidade e os conteúdos eram voltados para a realidade local. A proposta de nacionalização acabou criando escolas públicas gratuitas em muitas dessas comunidades, que, não raras vezes, eram boicotadas e vistas como forma de intromissão, espionagem e controle ideológico por parte do governo nessas comunidades (BERWANGER, 2005).

As comunidades locais passaram a demandar uma maior intervenção do Estado, em suas esferas estadual e nacional. A partir da década de 1950 ampliou-se, de forma significativa, a rede de escolas públicas, tanto no meio rural quanto no urbano. Essa ampliação está vinculada a uma política de expansão do ensino básico de caráter público e gratuito levada a efeito pelo governo estadual (FEE, 1983) e pelo governo federal (ARANHA, 1989) com o objetivo de qualificar a população para inseri-la no processo de desenvolvimento em curso no estado e no país. A criação de um grande número de novos municípios, a partir da década de 1950, também contribuiu para a expansão das escolas públicas gratuitas (WEBER, 2002).

Para qualificar a mão-de-obra necessária ao novo momento que a sociedade regional vivia e para atender às “aspirações das lideranças comunitárias”, ao “interesse das autoridades públicas” e à “aspiração dos estudantes de nível médio” (BRUM, 1998) constituiu-se uma estrutura de escolas secundárias, ensino técnico e ensino superior nas principais 325 cidades da região. Como a ação do Estado foi insuficiente para dar conta dessas novas necessidades, acabou predominando a atuação das Fundações Comunitárias e das Instituições Religiosas (BROSE, 2005; BRUM, 1998).

Diante desse cenário de crise e das dificuldades de construir alternativas é que começaram a emergir algumas iniciativas visando mobilizar a população local para tomar consciência da problemática e pensar, de forma coletiva, as possíveis soluções. Em 1983, a FIDENE (Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do RS) promoveu o Seminário de Administração Municipal e Desenvolvimento Urbano, no qual apresentou um diagnóstico da estagnação econômica e do êxodo populacional que estava ocorrendo na região (BROSE, 2005).

Essa mobilização liderada pela FIDENE procurou chamar a atenção dos órgãos estaduais e federais para a crise que a região noroeste estava vivenciando e “obter sinergia para as ações públicas de intervenção” na mesma (BROSE, 2005). Mesmo que essa sinergia não tenha ocorrido e com isso tenha havido certo desânimo das prefeituras envolvidas no processo, o movimento teve continuidade e conseguiu incentivar as comunidades locais a elaborar diagnósticos³⁵⁰ mais claros da realidade que estavam vivendo e demonstrar que as soluções também deveriam partir das iniciativas locais.

Um passo significativo nessa mobilização da região noroeste foi dado com a criação da Universidade de Ijuí (UNIJUI), em 1985, afirmando a idéia de que a retomada do desenvolvimento dependia diretamente da possibilidade da região produzir conhecimentos, ampliar o acesso ao ensino superior e qualificar as reflexões feitas no espaço local. Na sequência foram criadas a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) e a Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Três universidades comunitárias que passaram a gerar novas formas de articulação entre as instituições locais, novas perspectivas de produção de conhecimentos, novas possibilidades de formação profissional, novos campos de trabalho e novas perspectivas de futuro.

A criação dessas Universidades refletiu positivamente na qualificação das políticas sociais regionais voltadas à educação, pois ampliou a possibilidade de formação de professores para a educação básica e fomentou a pesquisa na área. Por serem Universidades comunitárias passaram a intensificar a articulação com as prefeituras e o poder público estadual no sentido de prestar assessorias e realizar projetos em conjunto, a grande maioria deles voltados para a educação. Um exemplo significativo desses projetos foi o PRAI (Programa Regional de Ação Integrada), que visava constituir um grupo de assessoria às diferentes redes de ensino no sentido de repensar os conteúdos ministrados nas diferentes disciplinas escolares e as políticas implantadas na educação. Esse programa promoveu uma série de seminários e encontros de formação com os professores, significando uma revisão completa dos pressupostos da educação regional.

Em 1987, a UNIJUI promoveu o I Fórum de Debates sobre os Rumos do Rio Grande do Sul, mobilizando o noroeste gaúcho para a elaboração de propostas de retomada do desenvolvimento. Entre as propostas apontadas destacaram-se as de

fortalecimento da descentralização da ação do estado, a de formação de recursos humanos para a administração pública participativa, a de fortalecimento da rede de Universidades Comunitárias e a de elaboração de projetos estratégicos para as diferentes regiões do estado.

A criação dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento, pelo governo do estado do RS, em 1991, buscou dar os primeiros passos na regulamentação dos Artigos 149 e 167, da Constituição Estadual de 1989. Porém, “apesar de fazer parte da proposta de governo, a discussão havida e interesses políticos diversos emperraram a implantação dos COREDES, que acabaram sendo instituídos oficialmente só nos últimos dias do governo de Alceu Colares” (SIEDENBERG, SAAD e SENGER, 2004, p. 08). Mesmo assim, o debate estadual desencadeado com a proposta de criação dos COREDES manifestou a necessidade de conhecimento maior das diversidades regionais e de uma ampla mobilização dos atores locais na busca de solução para os problemas enfrentados em cada região (BECKER, 2000).

Na região noroeste foram criados quatro Conselhos Regionais de Desenvolvimento: Alto Jacuí, Noroeste Colonial, Missões e Fronteira Noroeste. Num primeiro momento esses conselhos enfrentaram dificuldades em seu processo de organização, funcionamento, participação e compreensão da sociedade local em relação a suas funções (CRD/NORC, 1994). Porém, passado esse momento inicial, os Conselhos foram transformando-se em instrumentos fundamentais no processo de organização e mobilização da sociedade regional com vistas ao seu desenvolvimento. Foram se constituindo em espaços de participação, de aprendizado coletivo, de debate democrático, de explicitação dos conflitos, de pactuação de consensos provisórios, de articulação regional, de elaboração de diagnósticos mais consistentes sobre a realidade local-regional, de laboratório de projetos e iniciativas e de produção de visibilidade social a respeito da reflexão e do envolvimento da população no debate sobre o desenvolvimento (CRD/NORC, 1994; BECKER, 2000, BROSE, 2005; DALLABRIDA e BÜTTENBENDER, 2006).

Ao analisar os planos plurianuais com as prioridades dos COREDES percebe-se que a manutenção de prioridades voltadas para a conservação e ampliação da estrutura física e material das escolas da rede, dando um acento especial agora ao processo de melhoria da comunicação, construção de laboratórios e informatização. Verifica-se a preocupação em adequar-se às determinações emanadas da nova LDB e ao processo crescente de

municipalização do ensino, especialmente no que concerne ao transporte escolar, à merenda escolar, à autonomia das escolas e ao processo de participação da sociedade via Conselhos Escolares e Conselhos Municipais. Percebe-se que os quatro municípios intensificam ações voltadas para os alunos portadores de necessidades especiais, para os alunos de ensino médio e de ensino superior.

4. METODOLOGIA

A pesquisa realizada pautou-se nos princípios do método dialético crítico (LEFEBVRE, 1975; FRIGOTTO, 1994), buscando captar a realidade em sua totalidade; compreender as conexões entre as múltiplas dimensões dos fenômenos; perceber a origem dos fenômenos em suas manifestações particulares e nas conexões que estabelecem entre si e com a realidade mais ampla que os engloba; relacionar a objetividade e a subjetividade e entender a materialidade e a historicidade dos fenômenos na constante tensão entre continuidade e mudança, no constante conflito de interesses entre os atores, na constante contradição interna e externa.

Como ferramentas metodológicas utilizou-se a coleta de documentos e a entrevista semi-estruturada. A coleta de documentos foi realizada junto às instituições, movimentos e pessoas que participaram do Comitê Macro-missionário Pró-Implantação da UFFS, aos jornais locais, regionais e nacionais que possam ter vinculado informações do processo, bem como junto a sites de vinculação de informações. Em um primeiro momento foi feita uma listagem destas possíveis fontes de documentos para depois organizar o processo de obtenção dos mesmos, com os consequentes contatos e autorizações para sua consulta e disponibilização. Os documentos foram fotocopiados ou digitalizados, dependendo das condições de disponibilização impostas pelos detentores dos mesmos, pois alguns destes não poderiam ser efetuados reprografias. Depois de obtida a documentação ela foi organizada para posterior compilação e análise.

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com os integrantes do Comitê Macromissionário Pró-Implantação da UFFS e outras pessoas que possam obter informações relevantes a respeito do processo. No total foram entrevistadas 10 pessoas, pois algumas das entrevistas propostas não puderam ser concretizadas por vários motivos, seja não encontrar a pessoa, a mesma não querer dar a entrevista ou não ter tempo para conceder a entrevista, alguns dos propostos foram encaminhados email, mas sem retorno, porém acredita-se que a base necessária ao cumprimento do objetivo geral foi entrevistada, desta forma não acaba prejudicando a pesquisa.

As entrevistas foram feitas a partir de um roteiro inicial e foram abertas às contribuições do entrevistado. Nestas o entrevistado pode analisar antecipadamente quais as questões este iria responder se havia alguma questão que ele não gostaria, não saberia

responder. Serão gravadas em áudio e vídeo para permitir que sejam trabalhadas posteriormente. Antes da realização das entrevistas foi lavrado um termo de consentimento livre e esclarecido e também solicitada a cedência dos direitos de imagem e reprodução das manifestações para estrito uso nesta pesquisa, mais conhecido como carta de cessão que é uma segurança tanto ao entrevistador quanto ao entrevistado, pois preserva de no futuro estes dados ficarem de posse de uma pessoa, mas sim da instituição, podendo ser reutilizada no futuro para fins acadêmicos.

Os documentos e informações primárias e secundárias foram trabalhados a partir da ferramenta da “análise de conteúdo”. Bardin (1979), destaca três etapas essenciais a serem seguidas no processo de uso da análise de conteúdo: a *pré-análise*, que é a fase de organização do material, a *descrição analítica*, onde o material organizado é submetido a um estudo aprofundado com base nos referenciais teóricos da pesquisa e a *interpretação referencial*, onde os elementos da pesquisa são relacionados com as variáveis mais complexas da pesquisa como um todo e da totalidade social em que estão inseridos.

Tendo-se clareza das implicações éticas e legais, no que se refere à realização de pesquisas quem envolvem seres humanos, o procedimento de coleta de informações através de entrevistas semi-estruturadas foram norteados pelo respeito aos participantes, na sua liberdade em participar ou não da pesquisa. Sendo assim, o primeiro passo consistiu em explicar os propósitos da pesquisa e, uma vez, verificada a possibilidade de realização da entrevista foi proposto um termo de consentimento livre e esclarecido³, no qual foram estabelecidas as prerrogativas do uso das informações solicitadas. Da mesma forma celebrou-se um termo de cedência de direitos de imagem e informação para o restrito uso no âmbito da pesquisa.

As dez pessoas entrevistadas foram nesta sequência: Melchior Mallmann diretor administrativo da UFFS campus Cerro Largo e que era representante da Região Fronteira Noroeste no Comitê; Canísio Schmidt, ex-vice-prefeito na época e atual engenheiro de obras da UFFS; José Roberto Oliveira que era representante dos empresários da região, Eni

³ No “*Termo de Consentimento livre e esclarecido*” o pesquisador esclarece e explica ao sujeito entrevistado os objetivos e implicações da pesquisa. Caso o sujeito solicitado autorize, é realizada a entrevista, então ambos assinam o termo de consentimento e fica uma via para o pesquisador e para o sujeito da pesquisa, do contrário esta não é realizada.

Malgarin que era representante dos legislativos da região e Marlene Stochero, diretora do 9º CPERS Santo Ângelo e que na época era representante dos Sindicatos da área de Educação, estes foram entrevistadas em uma roda de conversa, na qual puderam expor e discutir pontos, pois foram os primeiros representantes do movimento. Após foram entrevistados o professor e historiador Guido Cacildo Henz participou ativamente na historização da região missioneira, bem como na história do município, o ex-diretor e atual vice-reitor da UFFS o Prof. Dr. Antonio Inácio Andrioli que na época era integrante da Comissão de Implantação da UFFS, retornou da Áustria onde lecionava para auxiliar no processo e ser o primeiro diretor do campus Cerro Largo, Excelentíssimo prefeito da época e atual prefeito o Sr. Adair José Trott, que na época auxiliou nas votações ao conseguir o apoio dos outros prefeitos para Cerro Largo ser o município sede nas missões, e a professora universitária Sandra Freitas, que foi ativa nas reuniões do comitê, auxiliando nas pautas destas e organizando as próximas reuniões com os deputados e defensores da causa universitária. Cada entrevistado adequou as perguntas ao seu entendimento próprio, bem como receberá uma cópia material produzido, abaixo reproduzimos as questões que nortearam o documentário.

1. Como percebes os primeiros anos de implantação do campus Cerro Largo da UFFS?
2. Por que você decidiu ingressar no movimento Pró-UFFS?
3. Qual o papel que você desempenhou no movimento?
4. Você possui ou conhece algum documento/ foto sobre a história do movimento? Poderá disponibilizá-lo para a pesquisa?
5. Tem conhecimento de algum fato marcante na trajetória do movimento? Estaria disposto a contá-lo ou escrevê-lo? Quais?
6. Você que participou do movimento como avalia a trajetória do mesmo?
7. Você sente-se satisfeito com os resultados do movimento?
8. Como você tomou conhecimento do movimento Pró-UFFS?

A partir destes relatos pode-se obter uma dimensão da participação no processo de construção da UFFS, bem como variações na intensidade destes, podendo assim no futuro em

outras pesquisas efetuar-se uma análise detalhada e comparativa dos dados auxiliando até mesmo em uma confrontação documental, as entrevistas foram realizadas em vídeo por dois motivos claramente definidos, o primeiro está vinculado ao tempo de realização do projeto, ou seja não haveria tempo hábil para executar as transcrições das entrevistas, e por segundo o fato do vídeo possibilitar maior transparência além da visualização do perfil do entrevistado declarando seu estado emocional ao responder ao questionário.

Aliado ao questionário, foram entregues uma carta de cessão no qual o entrevistado repassa os direitos de uso da entrevista bem como suas informações constantes ao entrevistador e a Instituição vinculada ao projeto no caso a UFFS e a FAPERGS, para evitar que no futuro possa causar algum problema judicial quanto ao uso destas informações, em anexo segue o modelo de carta de cessão utilizado no projeto.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na elaboração do projeto inicial definiram-se como possíveis resultados a buscar os que seguem:

- a) Recuperação de documentos que auxiliem na reconstrução socio-histórica da UFFS, campus de Cerro Largo;
- b) Conscientização acerca da história e importância da UFFS no ensino superior como instrumento democrático e criador de consciência social e política;
- c) Produção de um DVD sobre a história da UFFS, Campus Cerro Largo.

Em relação ao primeiro propósito tem-se a considerar que o projeto conseguiu recuperar boa parte dos documentos elaborados ao longo da luta histórica do Noroeste Gaúcho pela implantação de uma Universidade Federal na região. Esta recuperação tem importância fundamental na preservação histórica destes auxiliando assim na facilitação de futuras pesquisas e trabalhos acadêmicos ao longo da história, fato este que o tempo estava fazendo com que fosse impossibilitado em poucos anos que estes dados estivessem disponíveis, já que grande parte deste material estava se perdendo.

A recuperação documental resguarda aspectos históricos as futuras gerações, auxiliando para que se possa auxiliar o meio acadêmico - científico na elaboração de outras pesquisas, análises e críticas ao material desenvolvido, mas que sempre possa trabalhar sobre este material em seu local de origem que é a universidade.

Em relação ao cronograma definido pode-se observar que não se dispunha de todas as idéias que realmente geraram o projeto, um exemplo disto foram a grandeza do material que foi resgatado, sem dúvida esta quantidade enaltece os resultados e verifica que muito havia sido produzido pelos precursores da Instituição e atuantes dos movimentos sociais. De início estava previsto que um DVD seria o suficiente para colocar os dados e mais um para as entrevistas, porém foram necessários sete DVDs para este fim, isso nos alegra, pois quanto maior o volume de material gerado mais facilmente será descrito a história da UFFS.

A conscientização acerca da importância da Universidade Federal da Fronteira Sul se coloca nas diversas esferas da região sejam estas políticas, econômicas, sociais ou históricas, mas deve-se abster para que este feito que os movimentos sociais, através da mobilização

comunitária possam auxiliar na diversificação populacional e acima de tudo impulsionar a consciência moral e ética das pessoas.

Logo após as gravações foram realizadas edições nas gravações para definir o seu início e fim assim como estas tiveram de ser redimensionadas, pois não caberiam nos DVDs, ficando definido que seriam colocados os dados coletados junto ao site antigo da UFFS que está fora do ar, dos jornais, do CPERS e de coleções próprias, em um DVD, no qual poderá ser analisado todo o material coletado na forma digital em imagem ou em pdf, as entrevistas estão dispostas em DVDs separados pois apesar de seu tamanho ser pequeno, em torno de 2 gb, o arquivo se expande ocupando o dobro do espaço físico, então cada DVD contém uma entrevista de aproximadamente 30 minutos e a entrevista concedida de forma grupal foi colocado em dois DVDs, mas também cada participante receberá uma cópia mais o DVD dos dados .

Nas entrevistas pode-se perceber que a história da UFFS é uma “colcha de retalhos”, pois cada participante possui uma visão diferenciada do processo estrutural dos outros, mesmo quando foi realizada a entrevista grupal ocorreram impasses sobre datas e participantes nos eventos envolvendo o movimento pró-Universidade.

O projeto possuía como objetivo geral reconstituir a trajetória sócio-histórica que deu origem à Universidade Federal da Fronteira Sul, dando destaque especial para o Campus Cerro Largo e a região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, através da organização e disponibilização pública dos documentos gerados e da memória histórica dos atores. Neste sentido este acervo honrará com dignidade seu propósito pois através dos dados coletados e das entrevistas obtidas pode-se realizar com precisão este fragmento perdido já que a história oral contribuiu com grandesa na identificação dos atores principais da história da UFFS.

De todos os objetivos propostos apenas um destes não foi alcançado, pois o tempo previsto era demasiadamente pouco para tanto material arrecadado, deveríamos ter mais um semestre de trabalho para podermos conseguir este fim, fato este que quase prejudicou a elaboração e organização dos DVDs, pois apesar da experiência em trabalhos deste tipo já que o acadêmico já participou de outros dois projetos de pesquisa nos quais foram elaborados neste padrão de arquivo, o projeto em questão superou as expectativas, gerando um acúmulo muito grande de arquivos digitais, porém sem gerar o fracasso do mesmo, desta forma espera-

se que no futuro próximo possa-se realizar este objetivo que certamente enaltecerá o trabalho aqui realizado.

Este projeto nos deixou a certeza explícita de que uma conquista (no caso aqui da UFFS), não se faz apenas por indivíduos ou agregado dos mesmos, mas, especialmente, por grupos, movimentos e instituições que agem em prol da comunidade, sendo capazes de superar ou relativizar divergências em prol de objetivos comuns, capazes de dar novos rumos para o futuro de toda uma região.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste projeto pode-se perceber a grandiosidade deste evento chamada UFFS, que estes frutos serão colhidos e vivenciados por gerações, percebe-se que muito ainda falta acontecer, mas a base está organizada e estruturada.

Assim este acervo que ora está construído auxiliará e muito diversos trabalhos acadêmicos que envolva o ensino superior publico no município de Cerro Largo, espera-se assim que ao longo do tempo esta história não seja esquecida e que possa através deste material uma grande base para o meio científico e acadêmico.

Desta forma a reconstrução sócio-histórica está assegurada, e seu papel constitui-se na essência da história, pois prevalece a legitimidade de seus documentos oficiais e não oficiais para futuras pesquisas abrindo assim diversas possibilidades no meio acadêmico.

Conforme Santos (1983, p.45), a cultura se desenvolve a partir da polarização entre o erudito e o popular, a qual transfere para a dimensão cultural a oposição entre os interesses das classes sociais na vida da sociedade. Por muitas vezes alegam que a Universidade não tem nada a ver com movimentos sociais e organização da sociedade, pois é uma instituição autônoma, criada pelo Governo Federal no processo de expansão das Universidade Públicas.

Assim sendo destaca-se o papel social do projeto pois auxilia na preservação de documentos históricos da primeira Universidade Pública Federal da região das Missões, enaltecendo assim a fundamental importância dos movimentos sociais a implementação da Universidade e da criação de sua proposta tanto de cursos quanto atuação regional.

O fato marcante nesta instituição é que não há um nome a ser lembrado mas uma comunidade e o apoio marcante dos movimentos sociais que lutaram quando não havia possibilidade de se constituir uma Universidade Federal na região.

Quando apenas buscava-se uma possível extensão universitária, quando mostrou-se ao governo federal e ao MEC que a região da fronteira sul necessitava de uma universidade para modificar sua realidade e providenciar um futuro digno aos jovens que a cada ano estavam se deslocando aos grandes centros em busca de educação de alto nível, desta forma cabe com justiça um trecho do hino rio-grandense a vitória conquistada pela comunidade e os movimentos sociais: “ *servam nossas façanhas de modelo a toda terra...*”

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003. p.1-5.

ALBERTI, Verena. **História Oral**. In: ALBERTI, Verena. História Oral: A experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990. p. 11-153

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. p.1-4.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1979.

BECKER, Dinizar F. **REDENEP: a pesquisa, o planejamento e a gestão em rede do desenvolvimento local-regional**. Lajeado: UNIVATES Editora, 2000.

BECKETT, Samuel. **O Historiador Contemporâneo**. In: QUEIROZ, Tereza Aline Pereira; IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. A História do Historiador. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 87-113.

BERWANGER, Leonice L. H. **O germanismo e a comunidade de Linha Dona Belinha**. Santa Rosa, 2005. DCS/UNIJUI, Monografia de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Latu Sensu em Humanidades.

BLOCH, Marc. **A História, os homens e o tempo**. In: BLOCH, Marc. Introdução a História. Tradução: Maria Manuel Miguel e Rui Grácio. Lisboa: Europa-América, 1997. p. 24-42.

BORGES, Vavi Pacheco. **O que é história e para que serve**. In: BORGES, Vavi Pacheco. O que é História. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 49-57.

BRESCIANI, Maria Stella. **Cidade e história**. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Cidade: História e desafios. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.16-35.

BROSE, Markus. **Superação das desigualdades regionais: uma interpretação da experiência gaúcha**. In: CRUZ, José Luís Vianna da (Org.). Brasil, o desafio da diversidade: experiência de desenvolvimento regional. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005, p. 227-83.

BRUM, Argemiro J. **Democracia e partidos políticos no Brasil**. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 1988.

BURKE, Peter. **A escrita da história:** Novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. 3ª ed. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **A Terceira Geração.** In: BURKE, Peter. A Escola dos Annales: 1929-1989. São Paulo: Edit. Univ. Estadual Paulista, 1991. p. 57-77.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARR, E. H. **O historiador e seus fatos.** In: CARR, E. H. Que é História? Tradução: Lúcia Maurício de Alverga. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.11-30.

CERTEAU, Michel de. **Etnografia.** In: CERTEAU, Michel de. A escrita da História. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.189-252.

CRD/NORC (CONSELHO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO NOROESTE COLONIAL DO RIO GRANDE DO SUL). **Plano estratégico de desenvolvimento regional.** Ijuí: Imprensa Universitária – FIDENE/UNIJUÍ, 1994.

DALLABRIDA, Valdir Roque; BÜTTENBENDER, Pedro Luís. **Planejamento estratégico territorial:** a experiência de planejamento do desenvolvimento na região Fronteira Noroeste-RS-Brasil. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2006.

FEE (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER). **A política social brasileira 1930-1964:** a evolução institucional no Brasil e no Rio Grande do Sul. 2ª Impressão. Porto Alegre: FEE, 1983.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) **História oral: desafios para o século XXI.** Organizado por Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000. p. 31-72.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional.** In: FAZENDA, Ivani. Metodologia da pesquisa educacional. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1994. p. 69-90.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia.** Trad. Marie Agnes Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2003. p. 57-66.

- LE GOFF, Jaques. **Memória**. In: LE GOFF, Jaques. História e Memória. 4ª ed. São Paulo. Unicamp. 1996. p.423-483.
- LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- LEVI, Giovanni. **Sobre a Micro-história**. In: BURKE, Peter. A escrita da história: Novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. 3ª ed. São Paulo: UNESP, 1992. p.133-162.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (org.) **(RE) Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.
- MONSMA, Karl. **Charles Tilly, a sociologia histórica e a formação do Estado Nacional**. In: TILLY, Charles. A coerção, o capital e os estados europeus, 990 d.c a 1992. (cópia da 2ª prova da versão original), 1996, p. 13-33.
- MOORE, Barrington. **Injustiça, as bases sociais da obediência e da revolta**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PRETI, Dino. et al. **A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais**. In: PRETI, Dino. Discurso Oral Culto. 2ª ed. São Paulo: Humanitas, 1999.p.21-35.
- PRINS, Gwyn. **História Oral**. In: BURKE, Peter. A escrita da história: Novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. 3ª ed. São Paulo: UNESP, 1992. p.163-198.
- ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Editora Globo. vol 1 e 2 . 1969.
- ROTTA, Edeimar. **Desenvolvimento Regional e Políticas Sociais no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul**. PUC 2007. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – campus Porto Alegre, 2007.
- SANTOS, José Luiz dos. **A cultura em nossa sociedade**. In: SANTOS, José Luiz dos. O que é Cultura. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.51-79.
- THOMPSON, Paul. **História Oral**. In: THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1998. p.22-25.
- TREIB, Rafael Rodrigo W. **Serro Azul (1902-1927). Início e evolução de uma colônia alemã no Rio Grande do Sul**. Santo Ângelo/RS, 2006. Monografia (Graduação em História). Departamento de Ciências Humanas, URI.

VAINFAS, Ronaldo. **História das mentalidades e história cultural**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História. 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.p.189-241.

WEBER, Regina. **Os operários e a colméia: trabalho e etnicidade no sul do Brasil**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

ANEXOS

CARTA DE CESSÃO UTILIZADA PARA ASSEGURAR OS DIREITOS LIVRE DE USO
DAS IMAGENS E VOZ, RELATADOS NAS ENTREVISTAS.

Cerro Largo, ___ de _____ de 2012.

Rafael Rodrigo Wolfart Treib

Eu _____,
brasileiro, (estado civil) _____, (profissão) _____,
domiciliado e residente na cidade de _____, na rua

nº _____, declaro para os devidos fins, ceder os direitos sem quaisquer restrições a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental, de minha
entrevista, concedida, gravada no dia ____/____/2012, para Rafael Rodrigo Wolfart Treib,
acadêmico do 5º semestre do curso de Administração da Universidade Federal da Fronteira
Sul campus Cerro Largo, bolsista da Fapergs, orientado pelo Prof. Dr. Edegar Rotta sob
projeto intitulado “**O processo socio-histórico de implantação da Universidade Federal da
Fronteira Sul, Campus Cerro Largo**” a usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de
prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo terceiros a vê-la e
transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Universidade Federal da Fronteira Sul e a Rafael
Rodrigo Wolfart Treib, que tem a sua guarda.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes subscrevo.

Cerro Largo, ___ de _____ de 2012.

Nome e Assinatura

PARECER DO ORIENTADOR

O bolsista Rafael evidenciou ter atingido plenamente os objetivos de iniciação à pesquisa, nos moldes propostos pela FAPERGS e pela UFFS. Algumas atividades previstas e que não foram completamente atingidas não dependeram da atuação do bolsista, mas sim das dificuldades inerentes ao desenvolvimento do projeto de pesquisa. O Rafael mostrou-se organizado e propositivo na realização de todas as etapas da pesquisa. Desempenhou as atividades previstas com muito esmero e dedicação, dando demonstração de responsabilidade e conduta ética. Observou o cronograma da realização das atividades, sabendo replanejá-las sempre que necessário. Evidenciou conhecimento da temática investigada, procurando ampliar as leituras que foram elencadas como fundamentais, compreensão dos aspectos básicos da iniciação científica, tais como o rigor metodológico, a observação das fontes, a postura ética na obtenção dos documentos e realização das entrevistas e o registro adequado das informações obtidas. Compareceu as orientações e sempre realizou as atividades solicitadas. Mostrou autonomia gradativa na realização das etapas da pesquisa. Soube organizar seu tempo de forma a compatibilizar as atividades de pesquisa com as de estudo relativas ao curso que está fazendo na UFFS. Entende-se que pode constituir-se em um bom pesquisador sobre a história regional, precisando ainda qualificar mais sua redação científica, aspecto muito comum à fase de formação na qual se encontra.